

Novos motores no crescimento

ESTADO DE SÃO PAULO

A economia tem crescido com maior vigor do que vinham prevendo muitos economistas, incluídos alguns do governo. A produção no segundo trimestre foi 3,29% maior que no primeiro, segundo os últimos dados do IBGE. Na primeira metade do ano, o Produto Interno Bruto (PIB) superou por 4,34% o de um ano antes. De janeiro a março a atividade perdeu impulso e tendeu a acomodar-se, mas houve uma reversão no trimestre seguinte. Mais notável do que a reação, porém, foi a recomposição do crescimento econômico, menos dependente, nos últimos meses, da expansão do consumo.

Quando se tomam os números acumulados no ano, ou em 12 meses, a produção de bens de consumo duráveis ainda aparece como o grande motor da expansão. De janeiro a junho, a fabricação desses bens foi 13,6% maior que a do primeiro semestre de 1996. Em 12 meses, a diferença foi ainda maior, 16,4%. Mas o quadro se alterou no período de abril a junho. A produção desses duráveis, nessa fase, superou por 2,4% a de janeiro a março, enquan-

to a de bens de capital cresceu 6% e a de bens de consumo não duráveis aumentou 4,9%. A de bens intermediários, isto é, de insumos para a fabricação de bens finais, também se expandiu mais moderadamente — apenas 2,3%. A primeira mudança visível, portanto, é a substituição do principal motor. A função já não foi desempenhada pelo consumo, mas pelo investimento em máquinas e equipamentos. O setor de bens de capital deve ainda refletir, neste semestre, a extinção dos chamados ex-tarifários, isto é, da lista de quase 4 mil produtos livres de imposto na importação. Parte da procura deve estar-se deslocando, agora, dos fornecedores de fora para os nacionais. Menos perceptível à primeira vista, mas também muito relevante, é o efeito produzido pelo aumento da construção civil. Este setor, desde o início do ano, vem crescendo mais que a indústria de transformação. Mas o crescimento, neste caso, não é isolado. A construção, seja imobiliária, seja de obras de infra-estrutura, transmite dinamismo a muitas outras atividades, ampliando o merca-

do para produtos de ferro, aço, alumínio, cobre, tintas, plásticos, etc. Além disso, tem um enorme potencial de criação de empregos e absorve muita mão-de-obra não qualificada. O setor da construção tem ainda uma característica especialmente importante, nas condições atuais: seu crescimento tem pouco reflexo na importação. Os insumos são principalmente de origem nacional, assim como os equipamentos. Isto inclui aqueles produzidos pela indústria pesada, que volta a crescer, neste ano, depois de estagnada por mais de uma década. De modo geral, a nova composição do crescimento é mais favorável ao equilíbrio da balança comercial e à criação de empregos. A expansão baseada principalmente no consumo, como aquela observada a partir do Plano Real, vinha sendo muito dependente de bens intermediários e de bens finais importados. Essa tendência não seria sustentável por muito tempo, a menos que a exportação viesse a

crescer muito mais velozmente. Por enquanto, os números do comércio não permitem prever uma reversão importante a curto prazo. O País acumulou até julho um déficit comercial de US\$ 5,52 bilhões. A exportação foi 9,73% maior que a de um ano antes, enquanto a importação superou em 26,85% a de janeiro a julho de 1996.

Com investimento e construção puxando a economia, será mais fácil manter a expansão

Se a nova composição do crescimento se mantiver neste e no próximo ano, a economia estará tomando um rumo bem mais sustentável que o anterior. Isso não só resultará, a curto prazo, em menor pressão sobre a balança comercial, mas também tenderá a reforçar o potencial produtivo e a competitividade. Mantida essa direção, será, em princípio, mais fácil conservar a âncora cambial e, portanto, a inflação poderá continuar sob controle e, provavelmente, em queda. Mas ainda será preciso fazer a exportação crescer bem mais velozmente, para se afastar o risco de problemas na área cambial.